

Prática psicológica mediada por tecnologia: relato de experiência de grupos reflexivos com pretendentes à adoção de crianças e adolescentes

*Práctica psicológica mediada por tecnología:
informe de experiencia de grupos reflexivos con
solicitantes de la adopción de niños y adolescentes*

*Psychological practice mediated by technology:
experience report of reflective groups with applicants
for adoption of children and adolescents*

*Juliana Gomes Fiorott**

*Helena Cristina Almeida Pasin Pasin***

*Bruna Hensel Puente Hensel****

*Andréia Isabel Giacomozzi*****

*Andréa Barbará da Silva Bousfield******

Resumo

Os grupos reflexivos voltados à temática da adoção surgem como forma de proporcionar espaços grupais comprometidos com a elaboração das motivações e angústias que permeiam o processo adotivo. Com a chegada da

* Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-6064-1593>. E-mail: juliana.gomesfiorott@gmail.com

** Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9976-3758>. E-mail: hepasin@hotmail.com

*** Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9564-5340>. E-mail: brunapuenteh@gmail.com

**** Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3172-5800>. E-mail: agiacomozzi@hotmail.com

***** Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4333-4719>. E-mail: andreabs@gmail.com

pandemia da COVID-19, muitas atividades foram adaptadas para o contexto on-line e fizeram uso de tecnologias da informação, incluindo os grupos no âmbito da adoção. Assim, o presente relato de experiência se propõe a refletir sobre a potência e especificidades das intervenções grupais, considerando os desafios e possibilidades da atuação on-line, bem como delinear estratégias de condução e modos de coordenação de grupos on-line no contexto da parentalidade adotiva. Observou-se que a vivência de grupos online com pretendentes à adoção pode ser uma forma de intervenção profícua e possibilita reflexões grupais com participantes de diferentes etapas da pré-adoção, bem como integrantes de diferentes localidades. Além disso, observou-se que a modalidade on-line facilitou a participação, otimizando o tempo. Como desafios, foi relatada a dificuldade na conexão de internet e a falta de contato físico e conversa frente a frente. A partir de algumas temáticas, buscou-se proporcionar a reflexão sobre todo o projeto adotivo, desde as motivações para a adoção ao momento pós-adoção.

Palavras-chave: *Adoção, grupos; psicologia on-line; prática psicológica; tecnologia da informação.*

Abstract

Reflective groups, focused on the theme of adoption, appear as a way to provide group spaces committed to developing the motivations and anxieties that permeate the adoption process. With the arrival of the COVID-19 pandemic, many activities were adapted to the online context and made use of information technologies, including groups within the scope of adoption. Thus, this experience report aims to reflect on the power and specificities of group interventions, considering the challenges and possibilities of online action, as well as outlining strategies for conducting and mediating online groups in the context of adoptive parenting. It was observed that the experience of online groups with applicants for adoption can be a fruitful form of intervention and enables group reflections with participants from different stages of pre-adoption, as well as members from different locations. Furthermore, it was observed that the online modality facilitated participation, optimizing time. As challenges, difficulties with internet connection and lack of physical contact and face-to-face conversation were reported. From some themes, we sought to provide reflection on the entire adoptive project, from the motivations for adoption to the post-adoption moment.

Keywords: *Adoption; groups; psychology online; psychological practice; information technology.*

Resumen

Los grupos reflexivos enfocados en el tema de la adopción surgen como una forma de proveer espacios grupales comprometidos con la elaboración de

motivaciones y ansiedades que pertenecen al proceso de adopción. Con la llegada de la pandemia COVID-19, muchas actividades fueron adaptadas al contexto on-line e hicieron uso de tecnologías de la información, incluyendo grupos acerca de la adopción. Así, el presente informe de experiencia se propone reflexionar sobre la potencia y especificidades de intervenciones grupales, considerando los desafíos y posibilidades de actuar en línea, así como delinear estrategias para conducir y coordinar grupos on-line en el contexto de la parentalidad adoptiva. Se observó que la experiencia de grupos on-line con solicitantes de adopción puede ser una forma de intervención fructífera y permite reflexiones grupales con participantes de diferentes etapas de adopción previa, así como miembros de diferentes localidades. Además, se observó que la modalidad on-line facilitó la participación, optimizando el tiempo. Como desafíos se reportaron dificultades en la conexión a internet y falta de contacto físico y conversación cara a cara. A partir de algunos temas, se buscó proporcionar una reflexión sobre todo el proyecto adoptivo, desde las motivaciones para la adopción hasta el momento posterior a la adopción.

Palabras clave: *Adopción; grupos; psicología on-line; prácticas psicológicas; tecnologías de la información.*

A adoção de crianças e adolescentes é uma prática antiga que, ao longo da história, passou por inúmeras modificações no que diz respeito à legislação que a regulamenta, bem como a sua compreensão e significado social (Maux & Dutra, 2010). Na atualidade, a adoção representa uma forma de constituição familiar que atende ao direito e às necessidades da criança/adolescente de ser criada em um ambiente familiar e às necessidades ou desejo de mães e pais que se dispõem a exercer a função parental pela via não biológica (Levinzon, 2019).

Para a habilitação na adoção, a legislação atual prevê aos candidatos à adoção a obrigatoriedade de avaliação psicológica e social, além de participação em grupo preparatório para adoção, ofertado pela comarca em que ocorre o processo de habilitação para adoção (Brasil, 2017). Além dessas etapas, bem como da comprovação de documentação solicitada pelo Poder Judiciário, se faz necessário que os requerentes preencham um formulário contendo as características que desejam que a criança/adolescente tenha, tais como: sexo, idade, raça, questões de saúde, entre outras (Pelisoli & Oliveira Júnior, 2016).

Segundo o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), atualmente, 32.143 crianças e adolescentes estão em instituições de acolhimento

no Brasil e, dentre elas, 5.233 estão disponíveis para adoção, enquanto outras 3.195 já estão em processo de adoção, em diferentes etapas. Em contraste, o número de pretendentes habilitados aguardando o(a) filho(a) é de 37.036. Além da disparidade entre o número de crianças e adolescentes disponíveis para adoção e o número de pretendentes habilitados, a diferença entre a idade dos(as) filhos(as) esperados(as) e a idade das crianças/adolescentes disponíveis também é grande (Conselho Nacional de Justiça, 2020).

Além do fator idade, existem outras características que geralmente não estão em consonância com o perfil mais desejado pelos pretendentes à adoção. Estudo de revisão integrativa, de Borges e Scorsolin-Comin (2020), sobre as chamadas adoções necessárias, que incluem crianças com mais de dois anos de idade, adoção inter-racial, adoção de grupos de irmãos, crianças com deficiência, doença crônica, identificaram que grande parte dos estudos associa as adoções necessárias à adoção tardia. Contudo, ponderam que as adoções necessárias vão além da faixa etária das crianças disponíveis para adoção, sendo importante um olhar para as diferentes possibilidades de adoções que, em geral, não ocorrem.

Entende-se que a adoção ainda está muito vinculada a um padrão biológico, em que os pretendentes pautam suas definições de perfil por lógicas normatizantes, ficando de fora crianças e adolescentes que não se encaixam nessas normas e acabam por aguardar muito tempo por uma família, o que nem sempre ocorre (Fiorott, Palma, & Ecker, 2019). De acordo com Holden (2010), o conceito de parentalidade e o papel parental no desenvolvimento socioemocional infantil são construções sócio-culturais e sofrem alterações em sua concepção ao longo da história. Isso ocorre por conta da complexidade e multideterminação da parentalidade (Holden, 2010, Barroso & Machado, 2015). Essas diferentes formas de compreender as práticas parentais, que dependem de sua cultura e sociedade, podem influenciar as expectativas parentais dos pretendentes que se pautam nas lógicas normalizantes apresentadas.

Por vezes, se passa um longo tempo entre a habilitação à adoção e a chegada da criança/adolescente (Huber & Siqueira, 2010, Levy, Diuana & Pinho, 2009) e nesse ínterim se apresentam os grupos de apoio à adoção (GAAs), os grupos ofertados pelo Poder Judiciário (para além do

preparatório-obrigatório) e os espaços ofertados por meio de universidades, como forma de proporcionar espaços grupais comprometidos com a elaboração das motivações e angústias que permeiam o processo adotivo (Cecílio, Hueb, & Farinelli, 2018, Miranda, Fiorott, Bousfield, & Giacomozzi, no prelo; Santos, Bohm, Santoucy, Campos, & Jesus, 2017).

A preparação dos pretendentes à adoção envolve discussões e reflexões sobre questões psicossociais e culturais, além de preconceitos e discriminações já existentes no imaginário desses pretendentes. Como as autoras Sequeira e Stella (2014) afirmam, o objetivo principal do grupo é refletir e sensibilizar os futuros pais para as diversas questões, conflitos e dificuldades que podem surgir a partir da nova constituição familiar. Assim, a experiência de grupo proporciona a discussão sobre questões, como: motivação e decisão para adoção, perfil do adotado, medo da revelação, produção de vínculo, angústia pelo tempo de espera, entre outras questões (Fiorott et al., 2019, Miranda et al., 2020, Sequeira & Stella, 2014).

A partir da discussão, os pretendentes podem desmistificar conteúdos e ressignificar suas emoções, conflitos e concepções. O grupo tem papel importante de suporte e local de escuta para acolher e auxiliar as dificuldades, dúvidas, fantasias e sentimentos, ou seja, também tem efeito terapêutico (Sequeira & Stella, 2014). Além de permitir uma troca mútua entre os participantes, trocando vivências e aprendizados, um auxiliando o outro, ampliando suas visões e criando um ambiente de aprendizagem (Levy et al., 2009).

Um projeto de extensão ofertado em uma instituição de Ensino Superior Pública da região sul do Brasil promoveu, durante o ano de 2019, encontros grupais gratuitos à comunidade com a temática da adoção. Com uma proposta de grupos reflexivos na modalidade operativa, evidenciou-se a potência desse espaço grupal para romper e superar os desafios presentes no momento pós-adoção, bem como intervir diante das ansiedades e expectativas na espera prolongada pela chegada da criança/adolescente (Miranda et al., 2020).

Em março de 2020, ocorreu o início do isolamento social no Brasil, tendo em vista a pandemia global causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) que causa a doença chamada COVID-19 (Who, 2020). Diante da

necessidade de isolamento como prevenção à transmissão do vírus, todas as atividades presenciais realizadas no contexto da adoção foram suspensas, bem como atividades presenciais no Poder Judiciário e universidades. Considerando a resolução que regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação, e a resolução que dispõe sobre a regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação, durante a pandemia da COVID-19, ambas do Conselho Federal de Psicologia, as autoras do presente estudo optaram por dar continuidade ao projeto de extensão e as intervenções grupais de forma virtual.

Ainda é incipiente a literatura nacional sobre as intervenções grupais mediadas por tecnologias (Donnamaria & Terzis, 2011). Os estudos brasileiros que abordam a prática de grupos on-line são focados no âmbito da pesquisa, em que a realização de grupos ocorre como forma de coleta de dados (Bordini & Sperb, 2013). A literatura internacional aborda essa prática de forma mais difundida e, em síntese, os achados apresentam uma ampliação de possibilidades mediante a realização de grupos por videoconferência, pois o espaço on-line facilita conexões independentemente de uma região de moradia, situação de saúde, possibilidade de deslocamento, necessidade de isolamento, entre outros fatores (Leavitt, Riley, De Jager, & Bloom, 2019, Gentry, Lapid, Clark, & Rummans, 2019, Khatri, Marziali, Tchernikov, & Shepherd, 2014).

Diante de uma situação pandêmica que impõe o isolamento social como forma de prevenção à doença, entende-se que práticas grupais mediadas por tecnologia são emergentes em diferentes contextos, incluindo o âmbito da adoção. Nesse cenário, pretende-se abordar a experiência de grupos reflexivos com pretendentes à adoção de forma on-line. O presente artigo é um relato de experiência e se propõe a refletir sobre a potência e especificidades das intervenções grupais, considerando os desafios e possibilidades da atuação on-line, bem como delinear estratégias de condução e modos de coordenação de grupos on-line no contexto da parentalidade adotiva. Este relato se torna importante na medida em que pode estimular a

realização de outras iniciativas, com a adequação da proposta e até mesmo a ampliação de espaços grupais voltados para a preparação de pretendentes à adoção de crianças e adolescentes, considerando o cenário on-line.

MÉTODO

O presente relato de experiência é fruto da realização de um projeto de extensão em uma Instituição de Ensino Superior Pública na região sul do Brasil, em que se ofereceu, gratuitamente, à comunidade, no ano de 2020, encontros grupais na modalidade on-line para pretendentes à adoção.

O recrutamento dos participantes aconteceu por meio de divulgação on-line, via Instagram, e-mail, WhatsApp e indicações de profissionais atuantes na área da adoção e que conheciam o projeto. Ocorreram 24 inscrições para o Grupo Reflexivo para Pretendentes à Adoção na modalidade on-line, com a participação de 25 pessoas no primeiro encontro, isso ocorreu por conta de alguns participantes dividirem a Webcam com seus parceiros, participando em conjunto da vídeochamada. A maior parte dos participantes (22) reside no estado de Santa Catarina, uma pessoa reside em Pernambuco e outra no Espírito Santo.

No total, foram realizados 4 encontros quinzenais, com duração aproximada de 1h45 minutos cada encontro. Os grupos foram realizados por meio de plataforma on-line para videoconferências e foram gravados com a utilização do recurso da mesma plataforma. Além das gravações, também foram feitos registros em diário de campo da equipe de coordenação dos grupos. Tanto a gravação, quanto as anotações foram autorizadas pelos participantes.

Como forma de avaliação dessa experiência, foi enviado um questionário autoaplicado on-line aos participantes. O instrumento foi enviado após o último encontro grupal e era composto por 5 questões voltadas para a compreensão dos efeitos dos encontros grupais on-line no processo de adoção dos participantes; e 2 questões sobre o espaço virtual para avaliar os aspectos positivos e os desafios percebidos pelos participantes.

As atividades desenvolvidas foram supervisionadas por duas professoras universitárias com experiência no âmbito da adoção e coordenadas

por uma psicóloga, como mediadora e observadora participante, bem como duas extensionistas do curso de Graduação em Psicologia, que recebiam supervisões semanais e atuaram como observadoras participantes e auxiliares na organização dos planejamentos dos encontros, além de realizarem registros sobre os encontros, contando com observações e auto-observações da equipe, como sugerido por Turato (2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo de participantes foi composto por 9 mulheres e 8 homens, com idade variando entre 30 e 59 anos. Destes, 11 se identificaram como brancos, quatro como negros, um como pardo e um preferiu não se identificar com nenhuma etnia. Em relação ao status de relacionamento atual, 14 participantes se encontravam em um casamento, um morando com seu/sua companheiro(a) e dois solteiros, sendo que 12 se identificam como heterossexuais, três homossexuais, um bissexual e um afirmou que não se encaixava em nenhuma das opções. No que diz respeito à escolaridade dos participantes, em sua maioria possuem pós-graduação (9), 4 possuem curso superior completo, 2 ensino médio completo, 1 superior incompleto e 1 possui curso técnico.

Em relação ao processo de adoção, a maioria (14) realizou o processo de habilitação com o/a companheiro/a, enquanto três realizaram sozinho, sendo que dois participantes já possuíam um filho anteriormente ao processo de adoção. Sobre o período em que se encontravam no projeto adotivo, os pretendentes à adoção participantes estavam em diferentes momentos do processo adotivo inicial, cinco já estavam habilitados e aguardavam a chegada do/a filho/a, nove estavam em fase de habilitação, três manifestaram o desejo de adotar, mas ainda não iniciaram o processo de habilitação.

No presente trabalho grupal, foram trabalhados quatro temas com o objetivo de abarcar as questões grupais voltadas aos pretendentes à adoção, que foram: significados e motivações para a parentalidade; perfil da criança para adoção; situações e possíveis desafios presentes no momento pós-adoção; emoções pós-adoção. A escolha pelas temáticas foi baseada

na literatura (Cecílio, Hueb & Farinelli, 2018, Mello, Luz & Esteves, 2016, Sequeira e Stella, 2014) e no que diz respeito às orientações jurídicas para o trabalho com pretendentes à adoção (Brasil, 2017). Assim, foram realizadas propostas de atividades interativas, em que os pretendentes à adoção eram convidados a refletir e compartilhar suas inseguranças, expectativas e questões com o objetivo de dar novos significados sobre a constituição familiar por meio da adoção, bem como experimentar emoções próximas à realidade a qual podem se deparar no momento pós-adoção (Sequeira & Stella, 2014).

O primeiro encontro contou com a participação de 25 pretendentes à adoção, no segundo, o número de participantes passou para 16, no terceiro, 19 pretendentes participaram, no quarto e último encontro 17 pretendentes participaram, juntamente com os pais e mães por adoção convidados. Durante o período do grupo, 13 pessoas participaram de todos os encontros. O grupo reflexivo com pretendentes à adoção, oferecido na modalidade presencial, no ano de 2019, havia contado com 12 inscritos e teve um número grande de desistências ao longo do processo, chegando ao último encontro com apenas 2 participantes. O número de participantes foi superado no ano de 2020, na modalidade on-line, o que levanta a hipótese de que essa modalidade pode favorecer a participação e a manutenção de um maior número de pessoas, uma vez que o deslocamento apresenta-se como um dificultador nas grandes cidades.

No primeiro encontro, apresentou-se o projeto de extensão, assim como o funcionamento do grupo reflexivo e contrato grupal, seguido de apresentação dos pretendentes, compartilhando com o grupo aspectos sobre seu processo de adoção. Após uma tarefa de aquecimento grupal, foi proposta atividade de associação livre sobre as motivações para ser mãe/pai e algumas palavras compartilhadas foram: amor, família, cuidar, completar/acrescentar na estrutura familiar, parte de um ciclo, entre outras. A literatura aponta que as motivações para a parentalidade adotiva envolvem questões associadas à infertilidade, ao desejo de formar uma família e a um ato de caridade (Giacomozzi, Nicoletti & Godinho, 2015, Weber, 2003). Na proposta de associação, fica evidente o desejo pela construção familiar e aspectos afetivos presentes no desejo pela parentalidade.

Além dos aspectos positivos, como a ideia de parentalidade como parte do ciclo de vida apresentado, foi discutido também, sobre desafios que podem surgir com a adoção, sendo evidentes relatos sobre a questão do(a) filho(a) adotivo testar o vínculo e da possibilidade de aparecerem comportamentos regressivos. Sampaio, Magalhães e Machado (2020) dialogam sobre a testagem do amor dos novos pais realizados por filhos(as) por adoção, com o objetivo de comprovar que a nova família conseguirá exercer a função de cuidado e proteção, podendo surgir movimentos regressivos, que possibilitam às crianças/adolescentes a retomada de seu desenvolvimento e elaboração de vivências anteriores. Dessa forma, os pretendentes ressaltaram a importância de se refletir sobre esses temas, pois, assim, se sentiriam mais preparados para lidar com as situações futuras.

No segundo encontro, foi solicitado que brevemente os participantes compartilhassem o perfil pretendido para adoção e muitos relataram sobre o impacto e a dificuldade do preenchimento do formulário proposto pelo Poder Judiciário para a escolha do perfil. Após o compartilhamento, foi realizada, pela coordenação do grupo, a leitura de perfis hipotéticos de crianças e adolescentes disponíveis para adoção, solicitando que os participantes refletissem e compartilhassem os motivos para esses perfis serem escolhidos para adoção ou não. Com essa dinâmica, algumas reflexões e temas surgiram, como a pré-concepção de que as personalidades estão completamente formadas e não seriam passíveis de mudança a partir de idades mais avançadas. Concepção errônea e com influências históricas que, de acordo com as autoras Maux e Dutra (2010), ainda que o contexto e a história de vida dessas crianças e adolescentes possam interferir nas suas personalidades, existe a noção simplista de que os genes exclusivamente definiriam a personalidade e os comportamentos, desconsiderando a influência contextual.

No terceiro encontro, como tarefa de aquecimento, foi proposto que os pretendentes descrevessem o pior cenário que eles acreditam que poderiam vivenciar enquanto mães e pais. Após o compartilhamento dos participantes, foram apresentadas, pela coordenação do grupo, “situações problema” comuns ao período pós-adoção. As situações problemáticas foram pautadas em aspectos indicados pela literatura como desafios que

permeiam o período de pós-adoção, como por exemplo, explorado por Peixoto e colaboradoras (2019). Temas surgiram quanto à preparação para a parentalidade e alguns participantes relataram sobre sua dificuldade para se preparar para algo que não conhecem, tampouco experienciaram, enquanto outros relataram sobre a possibilidade de se preparar de diferentes formas para a parentalidade, como a preparação financeira, para a mudança de sua rotina ou conhecendo crianças com idades do perfil pretendido, a fim de compreender melhor suas possíveis demandas e questões do desenvolvimento, gerando um ambiente de aprendizado e compartilhamento, do qual os participantes aprendem uns com os outros (Levy et al., 2009). Além disso, foi discutido sobre idealização extrema e desconstrução da criança/adolescente ideal, compreendendo mais a fundo o indivíduo real que está disponível para adoção, aspecto importante destacado pelas autoras Sequeira e Stella (2014), quando se trata de preparação para adoção.

Por fim, no quarto e último encontro, foram convidados a participar pais e mães por adoção, buscando proporcionar uma integração entre pretendentes e adotantes. Solicitou-se aos pretendentes que refletissem e compartilhassem as emoções que acreditavam que iriam vivenciar na etapa pós-adoção. Alguns relataram emoções mais positivas, como o amor que já sentem pelo filho(a) esperado (a), enquanto outros relataram emoções menos positivas associadas a preocupações. Após esse momento de aquecimento, foi proposto aos pais e mães por adoção que compartilhassem emoções vividas no período pós-adoção, tais emoções eram sorteadas pela coordenação do grupo a fim de haver uma exploração completa de emoções positivas ou não. A partir dessa integração, foi possível ampliar o trabalho grupal, com trocas de experiência, dúvidas e anseios com relação aos aspectos da filiação adotiva (Arpini & Narciso, 2018).

Muitos dos pais e mães relataram sobre momentos em que houve teste do vínculo e amor dos pais realizados pelos(as) filhos(as), apresentado como algo comum de se acontecer em um processo adotivo, principalmente em situações em que o filho ou filha já sofreu uma devolução (desistência por parte da família adotiva em seguir com a filiação), em concordância com as autoras Sampaio et al. (2020). Foi também discutida a importância de se preparar para adoção, de contar com uma rede de apoio e a relevância

em compreender a vinculação como um processo que está em contínua formação, tendo momentos positivos e negativos no dia a dia de convivência. Ao final, foi realizado um fechamento, por se tratar do último encontro do grupo, retomando os temas trabalhados e propondo as últimas reflexões sobre o projeto adotivo e o processo grupal, em que os participantes relataram amadurecimento, mudanças em seu projeto adotivo, alterações de concepções anteriores, assim como o surgimento de novas dúvidas e a necessidade de preparação para esta nova fase familiar.

Os grupos on-line requerem adaptações importantes, principalmente no manejo, já que existe um maior limite corporal imposto pela vídeochamada (Donnamaria, & Terzis, 2011). A partir da experiência na coordenação de grupos, na modalidade on-line, observou-se que são necessárias adaptações em diferentes etapas do processo grupal. A começar pelo contrato, que além da necessidade de conter informações específicas sobre o grupo na modalidade virtual, nessa experiência foi preciso reforçar o contrato em um segundo encontro. O reforço teve por objetivo lembrar aos participantes que se dedicassem exclusivamente para o compartilhamento em grupo, desligando-se do uso de telefone celular ou de conversas paralelas em casa ou no chat da plataforma de videoconferência, fato ocorrido com intensidade no primeiro encontro. Entendemos que tais comportamentos são mais facilitados devido à realização on-line, pois em nossa experiência com grupos presenciais não tivemos intercorrências desse tipo.

Outro ponto que chamou atenção sobre as diferenças entre a realização do grupo on-line quando comparado ao presencial, foi uma menor comunicação por parte dos participantes no primeiro encontro, exigindo mais articulações por parte da mediadora grupal que se viu em uma situação mais desafiadora para dar andamento à tarefa e estabelecer a coesão do grupo. Após o primeiro encontro, notou-se uma melhora na qualidade dos compartilhamentos, não se limitando a falas curtas ou receosas.

Pesquisa realizada no Canadá, que buscou comparar intervenções grupais on-line x intervenções grupais presenciais, identificou que o mesmo terapeuta que administrou a intervenção em ambos os formatos percebeu o primeiro encontro grupal on-line desafiador em termos de implementação das técnicas e garantia da coesão do grupo. Os autores relatam que

o terapeuta coordenador ficou mais confortável na aplicação das técnicas on-line após a primeira sessão, em que foi possível se familiarizar mais com o uso da tecnologia, tanto para o coordenador quanto para os participantes (Khatri et al., 2014). Tais achados corroboram o relato de uma participante em questionário pós-grupo, em que discorre sobre a melhora a cada encontro: *“Senti que cada encontro foi sempre melhor que o anterior e acredito que isso também se deu porque as pessoas foram se conhecendo e se sentindo mais confortáveis e à vontade”* (P 05, habilitada à adoção).

Em relação à participação, muitos pretendentes relataram como um aspecto positivo a modalidade virtual permitir a presença de postulantes à adoção que não poderiam participar da modalidade presencial, como foi observado nas seguintes respostas do questionário pós-grupo, quando abordado sobre a modalidade virtual: *“Gostei, facilitou a participação”* (P 03, em fase de habilitação) e *“se não fosse on-line talvez, ou com certeza eu não poderia participar”* (P 04, em processo de habilitação). Além disso, permitiu a participação de pretendentes geograficamente distantes dos demais participantes e da coordenação do grupo, pois houve participantes de outros estados do país, o que colaborou com a diversidade grupal.

Outro aspecto positivo pontuado foi a praticidade e otimização do tempo dos participantes que a modalidade virtual gera, não precisando se deslocar até o local dos encontros ou enfrentar o trânsito, sendo observado nas seguintes respostas, quando questionados sobre as vantagens desta modalidade: *“A otimização do meu tempo”* (P 03, em fase de habilitação), *“Vantagens: Praticidade e conforto”* (P 05, habilitado à adoção), *“Conforto de estar em casa, não precisar me deslocar, etc.”*. (P 08, ainda não iniciou o processo). Assim como, facilitando a realização de outras atividades próximas ao horário do encontro, como trabalho ou viagens, o que também favoreceu dar continuidade na participação em todos os encontros, como pontua a participante: *“Provavelmente eu não poderia ter participado de todas as reuniões se o modelo fosse presencial. Recordo de que em um encontro eu estava em viagem à trabalho e parei em um posto de gasolina, na BR 101, para poder participar. Deu tudo certo e foi ótimo.”* (P7, habilitado à adoção). Pesquisas a respeito de intervenções on-line pontuam sobre a ampliação de possibilidades com realização de atendimentos por

videoconferência, pois as sessões on-line facilitam conexões independentemente de uma região de moradia, situação de saúde, possibilidade de deslocamento, entre outros fatores (Gentry et al., 2019, Leavitt et al., 2019, Khatri et al., 2014), fato esse percebido como uma vantagem pelos participantes do presente relato de experiência.

Sobre as desvantagens dos encontros virtuais, muitos participantes sentiram falta do encontro presencial, da conversa frente a frente, possibilitando trocas fora do grupo e o contato físico com outras pessoas. Esses pontos ficaram evidentes nas seguintes respostas dos participantes: *“A troca de conexão presencial ainda não pode ser substituída pelo virtual” (P 02, em fase de habilitação); e “Desvantagem talvez em não poder ter o contato pessoal, o abraço tão necessário, ainda mais num grupo tão acolhedor com este que se criou” (P 06, em processo de habilitação)*. O contato pessoal foi trazido como um fator facilitador para a promoção dos vínculos entre os participantes antes mesmo do início do grupo, pois ficariam em sala de espera e poderiam conversar. Um dos participantes apontou com desvantagem a falta de espaço para conversas entre integrantes do grupo no seguinte trecho: *“Acho que no encontro presencial o grupo acaba conversando enquanto está esperando o início e essas trocas e depoimentos podem ser muito interessantes” (P 05, habilitado à adoção)*. O ambiente de videoconferência não proporciona esse espaço de espera, pois o acesso se dá de forma simultânea aos participantes. Estudo de Magalhães, Bazoni e Pereira (2019) apontou algumas desvantagens percebidas por profissionais no atendimento psicoterápico on-line. Entre eles, destaca-se uma perda de aspectos comunicacionais, quando comparado ao ambiente presencial.

Outra dificuldade apontada pelos participantes foi a conexão com a internet, que pode variar e atrapalhar a participação no grupo, travando e interrompendo falas, como podemos ver nos seguintes apontamentos: *“A única desvantagem são as falhas de som e vídeo” (P 01, em processo de habilitação)* e *“Foi difícil depender da internet. Infelizmente a tecnologia no Brasil é bem precária. O penúltimo encontro, por exemplo, eu ficava caindo o tempo todo” (P 08, ainda não iniciou o processo)*. Ainda que o acompanhamento psicoterápico on-line por meio de comunicação simultânea aproxima o virtual do presencial, podem ocorrer interrupções no

diálogo em decorrência de falhas de conexão que provocam congelamento de imagem ou áudio, e que podem ser um desafio nessa modalidade (Suler, 2004). Dessa forma, mesmo que a modalidade on-line tenha suas potencialidades, a conexão com a internet deixa a comunicação mais vulnerável e dependente de fatores externos (Donnamaria & Terzis, 2011).

Na presente experiência, notam-se as especificidades associadas ao período de pré-adoção, em que alguns participantes manifestaram suas expectativas sobre a chegada da criança/adolescente de forma muito idealizada. Desse modo, uma das tarefas da coordenação, no âmbito da adoção, é proporcionar o questionamento e reflexão sobre as idealizações manifestas pelos pretendentes à adoção, visando minimizar as desistências (Hueb, 2016). Nesse cenário, torna-se importante proporcionar discussões sobre as motivações para se adotar, os desafios comuns ao período pós-adoção e a construção dos laços afetivos em famílias adotivas, com ênfase nos aspectos sociais e emocionais que permeiam esta relação (Hueb & Cecílio, 2015).

Além das especificidades do período pré-adoção, percebeu-se que alguns participantes buscam preparar-se para a chegada do(a) filho(a) de uma forma mais concreta, negando a importância de uma preparação também psíquica e emocional. Em suas falas, alguns integrantes trouxeram questões relacionadas ao planejamento financeiro, espaço físico, sem se aprofundar nas demandas e transformações que acarretam com a chegada de um filho, como se por se tratar de um projeto de filiação, que é marcado por aspectos sociais e jurídicos, isso tornasse a experiência de preparação mais associada a demandas financeiras e jurídicas. Carvalho, Gomes, Pizzitola, Santos e Yshara (2017) apontam que, em muitos casos, os pretendentes à adoção parecem principalmente buscar preencher o desejo de filho, negando a reflexão sobre os diversos aspectos psíquicos e emocionais envolvidos na decisão pela adoção. Assim, é papel da coordenação grupal proporcionar a reflexão do porquê se faz necessária a preparação em todos os aspectos para a chegada de um(a) filho(a) por adoção, considerando sua história, na maioria das vezes marcada por violências e rupturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de processos grupais com pretendentes à adoção de crianças e adolescentes, foi possível observar que a vivência de grupo on-line pode ser uma forma de intervenção profícua e capaz de possibilitar reflexões grupais com participantes de diferentes etapas da pré-adoção, bem como integrantes de diferentes localidades. Ainda que tenham sido ponderadas as dificuldades com conexão de internet e carência do contato e trocas em espaço físico, a partir da presente experiência, buscou-se proporcionar a reflexão sobre todo o projeto adotivo, desde as motivações para a adoção ao momento pós-adoção, de forma preventiva e desvinculada de caráter avaliativo, visando favorecer aos futuros pais e mães a reflexão sobre o projeto adotivo para além da visão idealizada e de pré-concepções associadas à adoção.

A partir da experiência grupal, bem como dos relatos obtidos por questionário pós-grupo, verificam-se os tensionamentos e reflexões provocadas a partir da vivência em grupo. Nessa perspectiva, considerando a importância de garantia ao direito de toda criança e adolescente conviver em ambiente familiar, entende-se que a preparação para a adoção é uma etapa basilar para a constituição das famílias adotivas, e que o espaço grupal, ainda que mediado por tecnologia, pode proporcionar um processo de aprendizagem, compartilhamento de angústias e expectativas que são trabalhadas no campo grupal.

REFERÊNCIAS

- Arpini, D. M., & Narciso, I. S. B. (2018). Reflexões sobre filiação adotiva: avanços e desafios no Brasil e em Portugal. *Mudanças–Psicologia da Saúde*, 26(1), 45-50.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2015). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. In G. A. Pluciennik, M. C. Lazzari, & M. F. Chicaro (Eds.), *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco* (1a. ed.) (pp. 17-32). São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.

- Bordini, G. S., & Sperb, T. M. (2013). Grupos focais online e pesquisa em psicologia: revisão de estudos empíricos entre 2001 e 2011. *Interação em Psicologia*, 17(2). doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.28480>
- Borges, C. A. P., & Scorsolini-Comin, F. (2020). As Adoções Necessárias no Contexto Brasileiro: Características, Desafios e Visibilidade. *Psico-USF*, 25(2), 307-320. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250209>
- Brasil. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Brasil. *Lei n. 13.509, de 22 de novembro de 2017*. Dispõe sobre adoção. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm
- Carvalho, F. A., Gomes, I. C., Pizzitola, J. M., Santos, M., & Yshara, Y. (2017). Grupos reflexivos com pretendentes a adoção: alcances e limites. *Perspectivas psicanalíticas atuais para o trabalho com grupos e famílias na Universidade*, 48-67.
- Cecílio, M. S., Hueb, M. F. D., & Farinelli, M.R. (2018). Vivenciando uma oficina Preparatória para Adoção: uma história de experiência. *Revista da SPAGESP*, 19(2), 94-109. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6854187>
- CFP. Conselho Federal de Psicologia. *Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018*. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLUÇÃO-Nº-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>
- CFP. Conselho Federal de Psicologia. *Resolução nº 4, de 26 de março de 2020*. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Recuperado de <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333>
- CNJ, Conselho Nacional de Justiça (2020). Relatório Estatístico. *Sistema Nacional de adoção e acolhimento*. Recuperado de <https://www.cnj.jus.br/sna/estatisticas.jsp>

- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2011). Experimentando o dispositivo terapêutico de grupo via internet: primeiras considerações de manejo e desafios éticos. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 17-26. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200003
- Fiorott, J. G., Palma, Y. A., & Ecker, D. D. I. (2019). Conceito de grupo-dispositivo no apoio à adoção: desnaturalizando significados instituídos. *Ciências Psicológicas*, 13(2), 390-397. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7198172>
- Giacomozzi, A. I., Nicoletti, M., & Godinho, E. M. (2015). As representações sociais e as motivações para adoção de pretendentes brasileiros à adoção. *Psychologica*, 58(1), 41-64.
- Gentry, M. T., Lapid, M. I., Clark, M. M., & Rummans, T. A. (2019). Evidence for telehealth group-based treatment: A systematic review. *Journal of telemedicine and telecare*, 25(6), 327-342.
- Holden, G. W. (2010). Theoretical Perspectives on Parenting. In G. W. Holden (Ed.), *Parenting: A Dynamic Perspective* (pp. 27-54). Thousand Oaks: Sage Publications Inc. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.4135/9781452204000.n2>
- Horvath, A. O. (2000). The therapeutic relationship: from transference to alliance. *Journal of Clinical Psychology*, 56(2), 163-173. doi: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(200002\)56:2](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4679(200002)56:2)
- Huber, M. Z., & Siqueira, A. C. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 12(2). Recuperado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/2208>
- Hueb, M. F. D. (2016). Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 28-38. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702016000100004&script=sci_abstract&tlng=es

- Hueb, M. F. D., & Cecílio, M. S. (2015). A preparação de postulantes a adoção é (in)suficiente? A experiência de uma adoção inter-racial de grupo de irmãos. In F. Scorsolini-Comin, A. K. Pereira, & M. L. T. Nunes (Orgs.), *Adoção: Legislação, cenários e práticas* (pp. 161-184). São Paulo: Vetor.
- Khatri, N., Marziali, E., Tchernikov, I., & Shepherd, N. (2014). Comparing telehealth-based and clinic-based group cognitive behavioral therapy for adults with depression and anxiety: a pilot study. *Clinical Interventions in Aging*, 9, 765.
- Leavitt, V. M., Riley, C. S., De Jager, P. L., & Bloom, S. (2019). eSupport: Feasibility trial of telehealth support group participation to reduce loneliness in multiple sclerosis. *Multiple Sclerosis Journal*, doi: 1352458519884241.
- Levinzon, G. K. A. D. (2019). Adoção e falso self: o dilema do “bom adotado” In: *Adoção: desafios da contemporaneidade* (pp. 50-70). São Paulo: Editora Blucher.
- Levy, L., Diuana, S., & Pinho, P. G. R. (2009). O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas. *Advances in Health Psychology*, 17(1), 39-42. Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/229059685.pdf>
- Magalhães, L. T., Bazoni, A. C., & Pereira, F. N. (2019). Impressões de psicólogos clínicos acerca da orientação psicológica online. *Rev. Bras. Psicoter. (Online)*, 53-69.
- Maux, A. A. B., & Dutra, E. (2010). A adoção no Brasil: algumas reflexões. *Estudos e pesquisa em psicologia*, 356-372. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844632005.pdf>
- Miranda, P. R. A., Fiorott J. G., Bousfield, A. B. S., & Giacomozzi, A. I. (2020). Estratégias de acompanhamento psicológico da parentalidade adotiva: notas sobre experiências grupais. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 85-97. doi: <https://doi.org/10.38034/nps.v29i67.549>.
- Oliveira, D. S., & Schwartz, E. R. D. (2013). The new Adoption Law: legal and psychological aspects. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 30(3), 445-453. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300014>

- Pelisoli, C. & Júnior, D. F.O. (2016). Aspectos jurídicos e psicossociais da adoção de crianças e adolescentes no Brasil. In Gomide P. I. C. & Júnior S. S. S. (Orgs.), *Introdução à psicologia forense* (pp. 69-83). Curitiba: Juruá.
- Peixoto, A., Giacomozzi, A. I., da Silva Bousfield, A. B., Berri, B., & Fiorott, J. G. (2019). Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 89-108.
- Sampaio, S. D., Magalhães, A. S., & Machado, R. N. (2020). Motivações para adoção tardia: entre o filho imaginado e a realidade. *Psicologia em estudo*, 25. doi: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44926>
- Santos, A. C. P. d., Bohm, C. H., Santoucy, L. B., Campos, N. M. V., & Jesus, P. S. d. (2017). Uma década de Vivências & Convivências: acompanhamento de grupos de famílias adotantes. *Revista de doutrina e jurisprudência*, 108(2), 273-282.
- Sequeira, V. C., & Stella, C. (2014). Preparação para a adoção: grupo de apoio para candidatos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(1), 69-78. doi: <http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n1p69-78>
- Suler, J. R. (2004). Psychotherapy in cyberspace: A 5-dimensional model of online and computer-mediated psychotherapy. *CyberPsychology and Behavior*, 3(2), 151-159. doi: 10.1089/109493100315996
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- World Health Organization. (2020). *Coronavírus disease (COVID-19) Pandemic [site]*. Recuperado de <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>

Recebido em 19/10/2020

Aceito em 04/03/2022